A análise de Mike Davis abrange a história, a climatologia e a teoria social para elaborar uma ecologia política da fome que serve de instrumento para a compreensão da dinâmica de estabelecimento da hegemonia dos impérios contemporâneos, especialmente a Inglaterra e os Estados Unidos, diante da maioria do planeta. É uma obra indispensável para a compreensão das desigualdades do mundo atual e de sua gênese histórica, baseadas não em fenômenos "naturais" mas numa deliberada política imperial de dominação, opressão e genocídio organizado.

RESENHA

Michael Löwy. A teoria da revolução no jovem Marx. São Paulo: Vozes, 2002

MARCELO GUIMARÃES LIMA
PROFESSOR VISITANTE DA NORTHWESTERN UNIVERSITY (ESTADOS UNIDOS)

Esta é a primeira edição brasileira de uma obra originalmente publicada na França em 1970. O livro de Löwy examina o desenvolvimento do pensamento do jovem Marx e sua evolução do radicalismo burguês "jovem hegeliano" ao socialismo revolucionário em formação no século XIX. Em particular, o autor sublinha a dimensão político-revolucionária do pensamento de Marx como o eixo diretor para a compreensão da formação do marxismo como teoria da sociedade e da historia.

Numa espécie de dialogo implícito com a obra contemporânea de Althusser, particularmente a tese da "ruptura epistemologica" entre o jovem Marx e o Marx da maturidade (ruptura que, para Althusser, a partir da *Ideologia Alemã*, descobre um novo campo teórico e funda a "cientificidade" do marxismo por oposição ao caráter ideológico da filosofia "humanista", neo-hegeliana, feurbachiana, radical-burguesa, que caracteriza o contexto teórico-histórico da obra juvenil de Marx), Löwy sublinha a *ruptura política* de Marx com o que poderíamos denominar "social-liberalismo" alemão. Ruptura que se verifica a partir da experiência política do proletariado europeu e, particularmente, do proletariado alemão, como momento "inaugural" do marxismo. A "teoria da revolução" seria, neste sentido, não um aspecto da teoria marxista como teoria geral da sociedade e da historia, mas o seu próprio cerne.

A critica metodológica de Marx ao jovem hegelianismo é, de modo imediato, critica política dos limites ideológicos e, portanto, práticos, do radicalismo liberal: o horizonte e condição de possibilidade da critica de Marx é o movimento operário tal como se apresenta, se desenvolve e se radicaliza como promessa e prática revolucionária de transformação da sociedade européia de seu tempo. O marxismo surge, deste modo, como expressão teórica da autonomia político-revolucionária da classe operária: autonomia que se desenvolve a partir da iniciativa revolucionária do proletariado contra a exploração capitalista e as estruturas econômicas, sociais, políticas e ideológicas do capitalismo europeu no século XIX. O marxismo é a teoria da transformação histórica em curso e da possibilidade de superação do capitalismo no interior do próprio movimento de autoformação e transformação da sociedade capitalista. Esta engendra a sua negação no proletariado, sem o qual não haveria capitalismo e a partir do qual, para Marx, se concretiza a possibilidade real de superação do capitalismo.

Para Löwy, a explicação da gênese teórica do marxismo no movimento de superação do neo-hegelianismo se realiza com a "aplicação do marxismo a Marx", ou seja, uma visão dialética da dialética: trata-se de compreender a unidade da teoria e da prática como mediação entre ação revolucionária e teoria revolucionaria. Podemos dizer que o marxismo inaugura uma nova prática do conhecimento ao desvendar uma nova prática histórica em formação: o socialismo como luta da classe operária para a sua auto-abolição histórica, a abolição da sociedade de classes. Neste sentido, uma leitura puramente "epistemológica" da formação da teoria marxista corre o risco de cindir a unidade dialética entre revolução teórica e prática revolucionária em Marx. Claro está que, no que diz respeito ao marxismo, a leitura "epistemológica" não deixa de ser uma leitura política, uma leitura política *outra.*

Examinando o desenvolvimento teórico-político do jovem Marx, Löwy sublinha a experiência da revolta dos tecelões da Silésia em 1844, que Marx analisa, no artigo *Glossas marginais do artigo "O rei da Prussia e a reforma social, por um Prussiano"* contra Ruge, como o momento em que a prática revolucionária em formação do proletariado alemão confirma e mesmo desvenda, para Marx, uma nova perspectiva sobre as questões filosófico-políticas que o ocupam desde o início de sua formação intelectual. A ruptura final, definitiva, de Marx com a ideologia burguesa tem como fonte o próprio "movimento da realidade", a historia em curso, que, poderíamos dizer, "irrompe" no plano da teoria dissolvendo as estruturas vigentes, as ilusões e os erros da filosofia. Claro está que tal irrupção só e possível para a teoria que se abre de modo crítico ao real, que compreende dialeticamente seu enraizamento na história que se faz, que tem a si mesma como objeto crítico (a teoria como *momento específico* da realidade que é seu objeto), a teoria que é capaz de se autocriticar. Löwy observa a "disponibi-

lidade" (termo seu) ideológica (poderíamos dizer mesmo, "existencial") de Marx, o intelectual radicalizado e "desenraizado", "marginalizado", na situação da "miséria político-teórica alemã", que se manifesta nas sucessivas rupturas com o liberalismo radical e a "esquerda" jovem hegeliana nos anos 1840. São etapas deste percurso teórico a partir das *Glossas*, *A Sagrada Família* (a crítica materialista ao idealismo jovem hegeliano), *As teses sobre Feuerbach* (a crítica dialética ao materialismo naturalista) e a *Ideologia Alemã* (o esboço inicial da teoria marxista da história). Neste sentido, poderíamos caracterizar a teoria crítica de Marx em sua gênese como "teoria aberta", autocrítica, em contraste com a clausura ideológica das diferentes versões do "social-liberalismo" contemporâneo.

Sublinhar a centralidade da dimensão política da "teoria da revolução" para a compreensão da gênese e da estrutura mesma da teoria marxista é a contribuição do presente volume. Faltaria, talvez, ao livro de Löwy, por vezes, uma análise conceitual mais aprofundada da própria noção de revolução em Marx, seu movimento e dimensões próprias. A narrativa histórica do desenvolvimento do pensamento de Marx se baseia aqui num modelo de historiografia intelectual em alguns aspectos próximo, por exemplo, dos trabalhos de Maximilien Rubel. Malgrado a intenção dialética do autor, um certo tipo de "contextualização", um delineamento mais ou menos genérico ou rápido de uma dada situação histórica, se sobrepõe, algumas vezes, ao exame mais detalhado da estrutura conceitual de seu objeto como exposição conceitual de um conteúdo histórico imanente: como o próprio movimento do pensamento. Ao leitor fica a impressão que, em determinados momentos, a escolha pela inclusão, ao favorecer a extensão do relato, o faz em detrimento da intensidade da análise, o que confere ao volume um relativo valor de introdução didática ao estudo do marxismo, por um lado, e, por outro, um estilo de desenvolvimento demasiado "escolar".

Passados 30 anos da publicação original do presente volume, assistimos na atualidade, com triunfo da contra-revolução capitalista em escala global sob a liderança dos Estados Unidos, a crise do "socialismo realmente existente" que já não mais existe, a crise do marxismo e do socialismo revolucionário. Ao mesmo tempo, a globalização capitalista gera, em nova escala, novos desafios, contradições novas que se acumulam às antigas contradições do sistema de mercantilização total da vida humana. Estas recolocam, em bases ampliadas, universais, a questão da transformação radical, revolucionária, da sociedade como *resolução* possível (talvez a única *resolução* de fato) da crise capitalista "em permanência", ou do capitalismo ele mesmo como sistema de crises ampliadas e renovadas.

Examinar a teoria da revolução em Marx pode nos ajudar a pensar as formas possíveis da revolução no século XXI.O que requer, no entanto, uma "nova" radicalidade : a

crítica e a autocrítica implacável, a abertura radical ao real em transformação. Contra a corrente, em profundidade, a revolução nova se constrói para aflorar, como no passado, dialeticamente, como ruptura histórica. Para uma consciência que se quer radicalmente histórica, reconhecer o ato de criação histórica em curso no presente será reconhecer, como no exemplo do jovem Marx, as formas novas da revolução no novo século, como algo "sem precedentes".

RESENHA

Marcelo Ridenti e Daniel Aarão Reis Filho (orgs.) *História do marxismo no Brasil (v. 5). Partidos e organizações dos anos 20 aos 60.* Campinas: Unicamp, 2002

JEAN RODRIGUES SALES
DOUTORANDO EM HISTÓRIA PELO INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS (UNICAMP)

Chega ao público o volume V da *História do marxismo no Brasil,* fruto de um esforço coletivo, que teve o seu ponto de partida ainda no âmbito do Grupo de Trabalho Partidos e Movimentos de Esquerda, da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs) por volta de 1986/1987. Antes de tudo, os organizadores têm o mérito de conseguirem levar adiante um projeto dessa envergadura mesmo com todas as dificuldades que lhe são intrínsecas.

Até o momento, a coleção havia tratado de dois grandes eixos temáticos: o primeiro discutiu o impacto das revoluções, das idéias de Marx, Engels e outros teóricos sobre os marxistas brasileiros; o segundo dedicou-se às interpretações dos marxistas sobre a sociedade brasileira. O atual volume abre o terceiro eixo, que tratará das organizações e da ação política dos marxistas no Brasil.

É de se destacar a importância da publicação do livro para o estudo das esquerdas comunistas no país. Se hoje já não se pode dizer que existam poucos estudos nesta área, tampouco podemos afirmar que as questões substantivas da história das esquerdas no país estejam respondidas satisfatoriamente. Assim, ao se colocar pesquisadores especia-